

REVOLUÇÃO INTERIOR

por AUGUSTO DA COSTA

A reunião do I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica, que há pouco teve lugar em Lisboa, com a participação de 2.000 universitários, professores e alunos, veio demonstrar por forma exuberante:

1.º — Que, não obstante as aparências em contrário, a juventude portuguesa não está ainda completamente «bolisticada», «radiotilizada» e «cinematizada». E não só isto, como também,

2.º — Que a Universidade vai reconquistando o seu prestígio tradicional, como instituição dedicada à preparação de futuros dirigentes da vida nacional, de harmonia com um conceito de cultura menos técnico do que humanístico. E ainda,

3.º — Que já não é possível repetir, hoje em dia, que Religião e Ciência são coisas incompatíveis entre si, e, portanto, que só os ignorantes acreditam em Deus Padre, criador do Céu e da Terra...

Escreveu Tristão de Athayde num capítulo dos seus *Estudos*: «Balmès dizia, com razão, que a frase, já frequente em seus dias, em meados do século passado, de que «estamos em uma era de transição», nada tinha de característica do mundo moderno. Os homens vivem sempre em transição, a sociedade vive sempre passando de um estado a outro. E as fases de esplendor contêm no fundo o veneno subtil da ruína. Como as fases de sombra escondem muitas vezes o germen das ressurreições. Um pouco de pensamento sereno poderá corrigir, ao menos atenuar, assim, o grande pessimismo que nos vem do espectáculo do mundo. E, se pensarmos que os homens se crêm sempre mal governados. Se pensarmos, além disso, que não há fórmulas humanas

capazes de resolver o governo dos homens pelos homens. Se pensarmos que os governos são apenas males necessários. E que os homens, ou as sociedades, que se abandonam tendem para a dissolução. Talvez que com tudo possamos amansar um pouco, em nosso peito, a onda de desespero ou o fel dos grandes sarcasmos...»

Retenhamos, especialmente, os três pontos seguintes: que os homens, como as sociedades, vivem sempre em transição; que as fases de esplendor contêm no fundo o veneno subtil da ruína, como as fases de sombra escondem muitas vezes o germen das ressurreições; e que os homens, ou as sociedades, que se abandonam, tendem para a dissolução. Retenhamos estes pontos capitais, meditemos neles; tiremos depois a

(Continua na 2.ª pagina)

REVOLUÇÃO INTERIOR

(Continuação da 1.ª página)

necessárias conclusões. *Corrente calamo*, direi que a conclusão das conclusões será esta: carecemos de uma revolução interior, que permita aos homens aceitar friamente os problemas do mundo moderno, estudá-los e resolvê-los tendo em vista a condição humana e o destino transcendente do homem; de uma revolução espiritual que faça os homens atentos ao «veneno subtil da ruína», escondido no fundo de todas as fases de esplendor social, e os defenda contra ele.

Vivemos, manifestamente, numa era de transição. Melhor dizendo: a transição permanente em que o homem e as sociedades vivem, opera-se hoje com uma rapidez muito superior àquela com que se operava há cem anos. É daí a imperiosa necessidade, para o homem, de não se abandonar à corrente da transição, para que a sociedade, por sua vez, não acabe em plena dissolução; quanto mais desencontradas foram as vagas, maior há-de ser a perícia e mais forte o pulso de quem vai ao leme... Muitos costumes do nosso tempo — que não são mais, afinal, do que manifestações do «veneno subtil da ruína» — tendo aparecido a medo, proliferaram depois exuberantemente; porquê? Porque nos deixamos deslumbrar pela ideia de «modernismo», que não passa de simples caricatura da modernidade. (Tenho «modernidade» por integração do actual no tradicional, ou incorporação do novo no antigo, sem prejuizo das estruturas permanentes; e o «modernismo» por desintegração, corrupção e dissolução do antigo pelo novo, do permanente pelo transitório. A «modernidade» acrescenta; o «modernismo» subtrai). Ser «moderno» — no sentido «modernista» — significa para muita gente ter o espirito aberto à todas as inovações que nos venham de fóra, quer sejam boas quer sejam más em si mesmas. É «moderna» a menina que fuma tanto ou mais do que o mano mais velho; é «moderna» a mulher que toma banhos de sol na praia, para exhibir o que mais recatado devia andar; é «moderna» a rapariga que vai ao cinema ou passeia sózinha com o noivo, namorado ou simples *boy friend*; são «modernas» as solteiras que não casam porque não querem servidões matrimoniais, e não menos as casadas que têm o marido por saborão e os amigos de marido por «compañerões»; são «modernos» os maridos que têm por «chumbada» acompanhar a mulher a festas, e deliram quando podem divertir-se com as amigas da mulher; «modernas» são, enfim, aquelas meninas, mais ou menos «bem», que organizam festas de rapazes e raparigas, e logo recomendam aos convidados: «*pas de bagages*», quer dizer: — nem papás, nem mamãs, nem titis, somente «elas» mais «eles»...

Tudo isto é «modernismo» nos costumes, e não será difícil prever onde os costumes, assim «modernizados», podem levar quem por eles se deixa conduzir. Mas há ainda muitas outras coisas, igualmente modernas, e não menos perigosas para a saúde intelectual e moral da sociedade. Há, por exemplo, Cinema a mais e Literatura a menos. Há muito futebol, pouco desporto, pouquíssima cultura do espirito. Há muita Técnica e pouca Sabedoria, poucos sages e muitos «especialistas» — aqueles homens (na feliz definição não me lembro de quem) que sabem cada vez mais acerca de cada vez menos. São porém fenómenos tão naturais, tão próprios do nosso tempo, tão «modernos», enfim, que mal parece um homem levá-los a mal... No entanto, atrevo-me a correr o risco. Mais: entendo ser necessária uma «revolução interior», uma revolução nas almas, que não nos deixe prosseguir no caminho da subversão total.

Transcrevo da *Feira dos Mitos*, de António Sardinha: «Não existe na história nenhum povo grande, forte, próspero, no qual não se descubram os sentimentos profundos e activos que se revelam por um ideal, uma religião, um mito, uma fé — escreve Vilfredo Pareto. Todo o povo em quem estes sentimentos se enfraquecem está em via de decadência. Muitos povos pequenos tornaram-se grandes porque tinham fé em si próprios. Um povo que perde essa fé encontra-se próximo da ruína». Não digo que tenhamos perdido a fé em nós próprios; mas, pelo sim pelo não, continuarei dizendo que precisamos de uma revolução espiritual, suporte e cúpula, ao mesmo tempo, da revolução material operada nestes últimos vinte e cinco anos, e faço votos por que o I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica tenha sido um passo decisivo no sentido dessa revolução interior.

"Comércio do Porto"
(4-5-53)



Fundação Cuidar o Futuro